



# Português na fronteira Bolívia-Brasil a partir de uma visão decolonial

Suzana Mancilla<sup>1</sup> e Ruberval Franco Maciel<sup>2\*</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Pioneiros, Mato Grosso do Sul, Brasil. <sup>2</sup>Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Av. Dom Antônio Barbosa, 4155, 79115-898, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: ruberval.maciel@gmail.com

**RESUMO.** Os territórios fronteiriços congregam uma diversidade de povos que extrapolam a configuração bi ou trinacional de Estados-nação. São populações que transitam e, por vezes, se estabelecem nessas regiões distantes dos centros nacionais gerando dinâmicas próprias de aproximação, quais sejam trocas e atitudes colaborativas que coexistem com embates, assimetrias e tensões nos diferentes âmbitos. No que tange às línguas presentes na fronteira Bolívia-Brasil, transitam o espanhol ou castelhano e o português como línguas majoritárias em uso, assim como línguas indígenas regionais e de outras procedências, bem como línguas provenientes de distintos países, compondo um mosaico plurilinguístico. Isso posto, esta pesquisa tem em vista mapear os âmbitos representativos em que está presente o português ao atravessar a fronteira, na área urbana de Puerto Quijarro, município boliviano fronteiriço a Corumbá, Brasil. Trata-se de um estudo interpretativista com base em registros de campo com o apoio de dados documentais e estudos bibliográficos, analisados numa perspectiva decolonial tendo como base Rivera Cusicanqui (2010), estudiosa que parte da prática descolonizadora para justificar um discurso ou uma teoria decolonial. Nesse contexto, a língua portuguesa está estendida além do limite geográfico, formando uma nova territorialidade lusófona na fronteira com a Bolívia, a priori denominado português boliviano. Sua presença é reconhecida nos documentos oficiais locais de Puerto Quijarro, em que se registra o português como uma das línguas mais faladas na localidade, depois do castelhano. Seu modo de funcionamento é peculiar, em especial no setor comercial e de serviços. Tal situação não está associada ao ensino de línguas no sistema educativo boliviano, uma vez que na área de *lenguajes* da grade curricular local estão presentes o castelhano, uma língua estrangeira (o inglês) e uma língua nativa (o *bésiro*). Há evidências de que a interpenetração das línguas majoritárias em um e outro território ocorre de forma particular, igualmente sua intercompreensão.

**Palavras-chave:** fronteira Bolívia Brasil; territorialidade lusófona; português boliviano; decolonialidade.

## Portuguese on the Bolívia Brazil border from a decolonial vision

**ABSTRACT.** Border territories bring together a diversity of peoples that go beyond the bi- or tri-national configuration of nation-states. These are populations that transit and sometimes settle in these regions far from the national centers, generating their own dynamics of approximation, which are exchanges and collaborative attitudes that coexist with clashes, asymmetries, and tensions in different areas. Regarding the languages present on the Bolivia-Brazil border, Spanish or Castilian and Portuguese transit as the majority languages in use, as well as regional indigenous languages and those from other origins, as well as languages from different countries, composing a plurilingual mosaic. Therefore, this research aims to map the representative areas in which Portuguese is present when crossing the border, in the urban area of Puerto Quijarro, a Bolivian municipality bordering Corumbá, Brazil. This is an interpretive study based on field records with the support of documentary data and bibliographic studies, analyzed in a decolonial perspective based on Rivera Cusicanqui (2010), a scholar who departs from decolonizing practice to justify a discourse or a decolonial theory. In this context, the Portuguese language is extended beyond the geographical limit, forming a new Portuguese-speaking territoriality on the border with Bolivia, a priori called Bolivian Portuguese. Its presence is recognized in the official local documents of Puerto Quijarro, in which Portuguese is registered as one of the most spoken languages in the locality, after Castilian. Its way of functioning is peculiar, especially in the commercial and services sector. This situation is not associated with the teaching of languages in the Bolivian educational system, since in the area of *lenguajes* of the local curriculum Castilian is present, a foreign language (English) and a native language (*Bésiro*). There is evidence that the interpenetration of the majority languages in one territory and another occurs in a particular way, as does their intercomprehension.

**Keywords:** Bolivia-Brazil border; lusophone territoriality; bolivian portuguese; decoloniality.

## Introdução

Santa Cruz, departamento localizado na região oriental boliviana, faz fronteira com os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul no Brasil. Por esse território incursionaram os bandeirantes em busca de ouro e outros bens preciosos em tempos da colonização. Entretanto, depararam-se com diferentes tipos de adversidades, entre outras situações, que os levaram a desistir de sua permanência no local.

Em sua trajetória por essas paragens, as bandeiras encontraram diversos grupos humanos, povos indígenas, em sua maioria com características nômades, bem como a presença da coroa espanhola na figura de componentes da congregação jesuíta, cujo legado permanece na atualidade materializado nas construções missionais esparramadas ao longo dessa região (Ortiz, 2008). Não obstante, Sandria Fernández (2008) observa que a proximidade geográfica entre o que é hoje a região oriental boliviana e a região centro-oeste brasileira, não houve contato que significasse entendimentos formais ou que se refletissem em recíprocos empréstimos de natureza linguística.

No século XIX, a dinâmica da exploração da borracha na região amazônica significou uma convivência entre os habitantes que se dedicaram a essa atividade. Tal aproximação teve como resultado o surgimento de palavras como “[...] siringa, seringueiro, tichela, bolacha, estrada, buyón [...]”, entre outros (Fernández, 2008, p. 30). A esse respeito, Ramírez-Luengo (2012) analisa em detalhe a procedência e uso de tais termos. O estudioso aponta que, em alguns casos, sua procedência não ficou clara, se eram originários do português ou de vozes arcaicas do espanhol.

Essas relações geográficas e históricas trazem à tona a reflexão da influência que o contexto exerce. Nesse sentido, não é possível separar a língua do seu entorno sociocultural que expressa. Isso posto, nos aproximamos à fronteira Corumbá (BR) e Puerto Quijarro (BO) região em que se desenvolve este estudo para mapear os âmbitos representativos em que está presente o português na área urbana de Puerto Quijarro, município boliviano localizado na linha de fronteira com o Brasil, no qual se vislumbra a formação de uma nova territorialidade lusófona. Utilizamos registros de campo, dados documentais e estudos bibliográficos seguindo uma linha interpretativista.

Iniciamos com algumas considerações sobre fronteira e suas dinâmicas e as línguas que circulam no *locus* pesquisado. Em seguida, abordamos os estudos de Rivera Cusicanqui (2010), estudiosa que a partir da prática descolonizadora reflete sobre os discursos e a teoria decolonial.

## Fronteiras atravessamentos, confrontações e confluências

A fronteira, considerada um *locus* de enunciação (Anzaldúa, 2012), está composta por contatos, transbordos, atravessamentos e embates que constituem um espaço pluricultural e plurilíngue, em que a linha divisória exerce um papel simbólico e de ordenamento dos estados. Nesse cenário, é necessário considerar que cada ponto de contato entre dois países apresenta particularidades, fruto das características de formação geográfica, social, histórica, linguística, cultural, comercial, entre outros aspectos que geram dinâmicas que se expressam nos relacionamentos, com acordos, confluências e confrontações que compõem o fazer fronteiriço.

A formação social da região alvo está composta por habitantes locais, conhecidos como *cambas*, isto é, originários do oriente boliviano, mas também por habitantes da região central e andina, ou *collas*, cujas populações procedentes do ocidente boliviano avançaram rumo aos departamentos orientais, dentre eles Santa Cruz, departamento onde está Puerto Quijarro. Dessa feita, os falantes das línguas nativas andinas majoritárias, o quéchua e o aimará, deslocaram-se até a fronteira com o Brasil, passando a compor a comunidade fronteiriça.

As identidades na fronteira, embora definidas por duas (ou mais) denominações nacionais, neste caso bolivianos e brasileiros, não estão desenhadas de forma homogênea e sua mistura não é de fácil identificação. Tal situação está exposta em diversos estudos Rivas (2011), Moraes (2012), entre outros, em especial naqueles realizados no ambiente escolar, em que se procura classificar os estudantes levando em consideração sua identificação nacional, à qual muitas vezes extrapola àquela registrada documentalmente. Ribeiro (2011, p. 24) aponta algumas possibilidades entre as crianças: “[...] a) nascidas na Bolívia e que moram no Brasil; b) nascidas e moradoras na Bolívia; c) nascidas no Brasil e moradoras na Bolívia; d) nascidas no Brasil, mas seus pais são bolivianos; e) nascidas na Bolívia, mas com documentos brasileiros”.

Na prática, a maioria dos estudantes identificados como ‘bolivianos’ nas escolas de Corumbá possuem documentos brasileiros. Essa situação nos leva a refletir sobre as identidades fronteiriças: os ‘estudantes bolivianos’ podem ser brasileiros. Sua língua materna é o espanhol, entretanto são alfabetizados em português, língua que por vezes não utilizam na sua comunicação extraescolar.

Essa condição social dos ‘estudantes bolivianos’ expõe a complexidade fronteiriça que pode considerar-se imprecisa quando se trata de um observador externo. Para os habitantes da fronteira essa questão pode se resolver muito mais simplesmente: ‘Quando estou aqui sou boliviano, quando estou lá, sou brasileiro’, explicou um jovem em conversa informal realizada em Puerto Quijarro, sua comunicação transitava com fluência em português e espanhol.

Reconhecemos que as resoluções do cotidiano apenas afetam as situações coloquiais. Em circunstância que exigem a legalidade, por exemplo, a matrícula na escola brasileira de um ‘estudante boliviano’, o que rege é a documentação oficial apresentada. Isso encobre as dificuldades que os ‘estudantes bolivianos’ ou estudantes ‘de origem boliviana’ passam nos primeiros anos de adaptação ao sistema educativo em Corumbá.

### Os trânsitos e as línguas

Há diversos olhares e entendimentos que se lançam às relações transnacionais entre bolivianos e brasileiros. No campo trabalhista, as atividades remuneradas em Corumbá atraem o interesse dos moradores de Puerto Quijarro, seja no comércio ou serviços. A diferença no câmbio entre as moedas, favorável ao real, implica em que a migração pendular acompanhe o movimento do município boliviano em direção ao Brasil. Conforme Oliveira, Correia, e Souza (2017, p. 93), esse tipo de migração se aplica àqueles transnacionais “[...] que têm a outra nação como destino pontualmente, ou seja, seu deslocamento é relacionado às atividades por eles desenvolvidas (estudo, trabalho etc.), e seu retorno ao país de origem ocorre de maneira regular”. Ao atravessar a fronteira rumo ao Brasil em busca de outras oportunidades os bolivianos trazem suas línguas – espanhol/castelhano, quéchua, aimará, entre outras línguas que circulam no contexto fronteiriço boliviano – seus símbolos, sua cultura, mas também trazem a língua portuguesa, adquirida por contato, visto que essa língua não compõe a matriz curricular do sistema educativo boliviano.

Em pesquisa de campo realizada nas unidades educativas de Puerto Quijarro, constatamos que, no que tange ao ensino de línguas, na matriz curricular, consta a grande área *Lenguaje* composta pelo ensino do castelhano, uma língua estrangeira (unicamente o inglês) e uma língua originária boliviana (*bésiro*). Essa organização curricular obedece à Lei Educativa Avelino Siñani-Elizardo Pérez, conhecida como a Lei nº 070 de 20 de dezembro de 2010, a qual propõe uma educação intracultural, intercultural e plurilíngue (Bolivia, 2010), tendo sido implementada na fronteira a partir de 2012.

Em busca de outros âmbitos de ensino em que poderia se constatar a existência de falantes de português em Puerto Quijarro, mencionamos o estudo realizado por Minakawa, Vieira, Mendes, e Oliveira (2015), em que estudantes brasileiros matriculados no polo local da *Universidad Técnica Privada Cosmos* (Unitepc) são entrevistados sobre as relações estabelecidas pelos estudantes participantes da pesquisa e a comunidade desse município. Entre os dados obtidos, 17 integrantes da pesquisa (58,8%) informaram que “[...] a maior dificuldade com a língua se dá no meio acadêmico, segundo sua percepção, no dia a dia, os brasileiros se comunicam em português e os bolivianos em espanhol, havendo um entendimento entre ambos, sem precisar falar a língua do outro” (Barreda, 2017, p. 176).

A conclusão do estudo apresentado anteriormente reforça a ideia que prevalece entre a comunidade em Corumbá, que não é necessário saber espanhol, pois a comunicação se processa mesmo sem saber essa língua. Entretanto, o que se observa nas relações comunicativas entre bolivianos e brasileiros, em especial no âmbito comercial e de serviços é que os bolivianos adquirem a língua portuguesa, especialmente na oralidade, embora seja possível encontrar exemplos na forma escrita, tal como pode se observar na Figura 1.

Da mesma forma que encontramos exemplos dessas misturas linguísticas ou de translinguagem (Maciel & Rocha, 2020) no comércio de Puerto Quijarro, estas transbordam as fronteiras com os feirantes bolivianos que comercializam nas diferentes feiras livres que transitam em Corumbá.

Visto que o comércio é o cenário em que se produz o uso do português por falantes bolivianos, Rivas (2011) o denominou ‘português comercial’, ao passo que nas nossas pesquisas é designado ‘português boliviano’ (Barreda, 2017). Essas tentativas de nomear uma forma peculiar de falar o português nos lindes da nação tornam-se necessárias nos estudos acadêmicos, na prática cotidiana é reconhecida segundo a nomenclatura oficial: português.



Figura 1. Cartaz exposto em loja de roupas em Puerto Quijarro (Souza, 2019).

Conforme pesquisa realizada na *Alcaldía Municipal* de Puerto Quijarro, órgão similar à prefeitura, tomamos como referência de análise o Plano de Desenvolvimento Municipal<sup>1</sup> (PDM) de 2001 e 2007, bem como o Plano Territorial de Desenvolvimento Integral de Puerto Quijarro<sup>2</sup> (PTDI). Tais documentos apresentam um diagnóstico do município atualizado a cada 6 anos, seus dados são referências importantes para o planejamento local. Esses documentos abordam os aspectos físico-naturais, socioculturais, econômicos e produtivo, bem como os aspectos organizativos e institucionais. Em todos eles encontramos um item denominado Idiomas. Isto posto, no PDM de 2001, encontramos a seguinte informação: “A população do Município fala os seguintes idiomas: Castelhana, Quéchua, Chiquitano e Estrangeiro (Português)”. (Puerto Quijarro, 2001, p. 27)<sup>3</sup>.

Este diagnóstico nos permite observar que, juntamente com as línguas locais, está presente o português denominado como estrangeiro, e considerado uma das línguas que compõem o repertório linguístico dos habitantes desse município. Tal documento refere-se à língua originária local, o Chiquitano, como uma língua que está em processo de extinção, devido à falta de manutenção das culturas originárias. Entretanto, o Quéchua, idioma nativo procedente dos Andes e vales desse país, apresenta vitalidade no seu uso local.

No PDM de 2007, o item idiomas expõe a seguinte situação no que tange às línguas em uso em Puerto Quijarro: “[...] os idiomas mais falados no município são o castelhano, o português e em menor proporção o quéchua e o aimará” (Puerto Quijarro, 2007, p. 108)<sup>4</sup>. A descrição apresenta ainda gráficos com o número de falantes do castelhano, português, quéchua e aimará, diferenciados entre homens e mulheres os usuários de tais línguas. Observamos que após seis anos, o *status* do português sofre uma mudança positiva, ao deixar de ser considerado um idioma estrangeiro passa a ser a segunda língua mais falada no município. Por outro lado, também é importante observar o movimento das línguas indígenas. Em 2007, o Chiquitano (língua originária local) deixa de ser reconhecido como língua de comunicação e no seu lugar é incluído o aimará.

Com as reformas do governo de Evo Morales, o PDM apresenta uma nova versão denominada Plano Territorial de Desenvolvimento Integral de Puerto Quijarro (PTDI – Puerto Quijarro, 2016). Nesse documento, o português mantém seu status de segunda língua, a saber:

Os idiomas mais falados no Município são o castelhano, o português e em menor proporção o idioma originário ayoreo e bésiro, devido à migração da população do interior do país às zonas fronteiriças, uma fração da população é de fala quéchua e aimará (Puerto Quijarro, 2016, p. 25)<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> No original: *Plan de Desarrollo Municipal*. (As traduções deste trabalho são de responsabilidade dos autores).

<sup>2</sup> No original: *Plan Territorial de Desarrollo Integral de Puerto Quijarro*.

<sup>3</sup> No original: “La población del Municipio habla los siguientes idiomas: Castellano, Quechua, Chiquitano y Extranjero (Portugués)”.

<sup>4</sup> No original: “[...] los idiomas más hablados en el municipio son el castellano, el portugués y en menor proporción el quechua y el aimara”.

<sup>5</sup> No original: “Los idiomas más hablados en el Municipio son el castellano, portugués y en menor proporción el idioma originario ayoreo y bésiro, por la migración de la población del interior del país a las zonas fronterizas, una fracción de la población es de habla quechua y aimara”.

Destacamos que a política linguística aplicada no sistema educativo boliviano tem seus reflexos no PTDI com a inclusão do Ayoreo – também denominada Zamuco – língua que tem seu uso restrito aos seus falantes *ayoreos*, instalados na região urbana do município de Puerto Quijarro. Quanto ao *bésiro*, essa é a nova nomenclatura da língua outrora conhecida como Chiquitano, presente no PDM de 2001. Por se tratar de uma língua local e, tendo em vista a Lei 070, o *bésiro* passa a compor o sistema educativo municipal, embora seu uso esteja restrito a um grupo incipiente de falantes na região, a política educativa boliviana tem em vista revitalizar as línguas nativas no local em que elas são originárias.

Nesse território de mesclas e misturas encontramos como uma amostra, a letra de uma música composta por um professor de *bésiro* no município de fronteira. É a narrativa de um romance em que uma personagem feminina procedente de *Arroyo*, distrito de Puerto Quijarro tem por ocupação vender *cuñapé* (pão similar à chipa paraguaia), com o detalhe que ela não fala *Chiquitano (bésiro)*, comunica-se apenas em português, por isso o agradecimento final está nessa língua.

‘CANCIÓN DE LA FRONTERA

Autor: Profesor Rodolfo Saavedra

Corrección idioma chiquita, variante lomeriano,  
parlar varonil: Ñnasio Chuve García’

Ax+ñ+ poosoka, llego de a pie

Ax+ñ+ poosoka, llego de a pie

Busco una paica vende cuñapé

Busco una paica vende cuñapé

Ella es bonita, na s+tob+simia

Ella es bonita, na s+tob+simia

Yo ne pa+x kupikixh

Yo ne pa+x kupikixh

Es de Arroyo ya la pillé

Es de Arroyo ya la pillé

Aipia chiquitano, sólo portugués

Aipia chiquitano, sólo portugués

‘Muito obrigado’ aume chapie

‘Muito obrigado’ aume chapie

Uxia na piextaaaa (Landivar Saavedra, 2020, não publicado, grifos do autor)<sup>6</sup>.

Para mapear e refletir sobre a territorialidade lusófona que atravessa a fronteira e se adentra pelo território boliviano, devemos considerar o cenário linguístico, tal como está expresso na letra anteriormente apresentada com uma sobreposição de línguas que formam uma trama de comunicação. Assim sendo, destacamos a recepção que a língua espanhola assume ao atravessar a fronteira adentrando em território brasileiro. Diversos estudos (Riva, 2010; Bumbai & Bilange, 2014), entre outros, apontam situações de preconceito em detrimento dos bolivianos, associados à imagem indígena com desvalorização estética, bem como da sua língua, o espanhol. Em estudo realizado por Zwarg, Arf, e Barreda (2018), as autoras evidenciam percepções preconceituosas com relação aos bolivianos e sua língua no ambiente acadêmico de formação inicial de professores de espanhol.

Ainda na etapa de formação inicial, as experiências dos estudantes de Letras que realizam seu estágio em escolas públicas de Corumbá manifestam preocupação perante situações de preconceito e discriminação entre estudantes brasileiros e bolivianos resultando em relações corroídas pela subvalorização dos bolivianos. Essas percepções refletem-se na escolha dos temas dos Trabalhos de Conclusão de Curso em que os estudantes pesquisam.

Tal cenário evidencia que o português, como língua majoritária na região da fronteira, ocupa um lugar de privilégio social tanto do lado brasileiro quanto do lado boliviano, porém, considerando a dimensão simbólica das fronteiras e sua condição sociolinguisticamente complexa, são locais de construção de sentidos em permanente fluxo.

<sup>6</sup> A letra da música citada, trata-se de uma letra não publicada, composta pelo professor Rodolfo Landivar Saavedra em 2020.

## Fronteiras e decolonialidade, um diálogo possível

Silvia Rivera Cusicanqui, socióloga boliviana, desenvolve estudos sobre a decolonialidade a partir da sua práxis como indígena aimará, docente universitária, fundadora e partícipe do *Tambo Colectivx Ch'ixi*, localizado em La Paz, Bolívia. Sua proposta parte de pensar na mestiçagem como uma possibilidade de entender as misturas. Ch'ixi é a imagem que expressa a realidade “[...] onde coexistem em paralelo múltiplas diferenças culturais, que não se fundem, mas antagonizam ou se complementam” (Cusicanqui, 2010, p. 7)<sup>7</sup>. Ch'ixi significa uma cor cinza matizada, formada a partir de pontos pretos e brancos que na sua junção representam a cor cinzenta, isto é uma mistura do branco e do preto, entretanto, esses pontos permanecem separados. Essa percepção expressa multiplicidade, produtividade e potência, em oposição ao híbrido, como fruto de uma mistura.

Conforme afirma a autora, “[...] o que é *ch'ixi* constitui uma imagem poderosa para pensar a coexistência de elementos heterogêneos que não aspiram à fusão e que também não produzem um termo novo, que seja superador e abrangente” (Cusicanqui, 2010, p. 7)<sup>8</sup>. A reflexão sobre a fronteira e seus atravessamentos na perspectiva de Rivera Cusicanqui nos permite pensar em um fazer fronteiriço *ch'ixi*, em que as identidades não precisem ser especuladas se pertencem a um lado ou outro da fronteira, porque cada um simplesmente é.

Por outro lado, conforme apontamos no item anterior, o preconceito evidenciado nas relações entre bolivianos e brasileiros com nominativos depreciativos racistas são situações que expõem um pensamento colonizado racial, uma vez que, para além dos denominativos ‘índio/índia’, estão as pessoas. Seguindo essa visão, a autora assinala que o preconceito racial contribuiu para relegar a produção andina reduzindo seu protagonismo. Assim, Mignolo (2001, p. 175) coincide com esse posicionamento ao pontuar que “[...] o preconceito racial dirigido às populações indígenas, que provém da colonização hispânica, contribuiu para relegar a produção intelectual andina a um segundo plano”<sup>9</sup>. Tanto Mignolo, quanto Rivera Cusicanqui referem-se à autoria andina da produção científica. Entretanto, como vimos ao longo deste artigo, o andino passa a compor outras cartografias formadas pelo uso das línguas originadas nessa região. Tal como ocorre na fronteira, em que o quéchua e o aimará estão presentes no repertório linguístico dos fronteiriços.

Do mesmo modo, o preconceito relacionado aos bolivianos, evidenciado neste trabalho, também afeta a produção intelectual fronteiriça, implicando negativamente também aos brasileiros, uma vez que, exercer atitudes hostis para com os bolivianos, implica em reduzir o conhecimento de mundo a partir do olhar para o boliviano com sua riqueza e diversidade cultural.

Outro aspecto evidenciado no pensamento de Rivera Cusicanqui está relacionado o essencialismo como um ponto conflituoso. Identidades consideradas ‘puras’ são uma ficção, tal como ocorre com as línguas. O português falado em Puerto Quijarro não deixa de ser português porque tem outro sotaque. Buscar a ‘pronúncia ideal’ descaracteriza as misturas, próprias das fronteiras, sejam estas geográficas, culturais ou de outra ordem. Concordamos com Rivera Cusicanqui quanto à necessidade de uma prática decolonizadora. Teorizar sobre a decolonização encobre com discursos, sobejadamente conhecidos, como aquele de *los hermanos bolivianos*, dito levemente e sem nenhum compromisso efetivo, fortalece as práticas de subalternização.

## Considerações finais

Buscamos, neste texto, pontuar que as práticas sociais que constituem a paisagem social têm diversas perspectivas e são ao mesmo tempo peculiares, resultado de práticas realizadas ao longo da história e, portanto, não podem ser reproduzidas em outros ambientes, pois cada paisagem possui sua história.

## Referências

- Anzaldúa, G. (2012). *Borderlands/la frontera: the new mestiza* (4th ed.). San Francisco, CA: Aunt Lute Books.
- Barreda, S. V. M. (2017). *Interculturalidades no contexto Puerto Quijarro (Bolívia) - Corumbá (Brasil). Português língua de fronteiras: ensino, aprendizagem e formação de professores* (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

<sup>7</sup> No original: “[...] donde coexisten en paralelo múltiples diferencias culturales, que no se funden sino que antagonizan o se complementan”.

<sup>8</sup> No original: “[...] lo *ch'ixi* constituye así una imagen poderosa para pensar la coexistencia de elementos heterogéneos que no aspiran a la fusión y que tampoco producen un término nuevo, superador y englobante”.

<sup>9</sup> No original: “[...] el prejuicio racial frente a las poblaciones indígenas, que viene desde la colonización hispánica, contribuyó a relegar la producción intelectual andina a un segundo plano”.

- Bolivia. (2010). Ley nº 070/2010. Ley de 20 de Diciembre de 2010. La Paz, BO: *Gaceta Oficial del Estado Plurinacional de Bolivia*.
- Bumlai, D. U. M., & Bilange, E. M. A. (2014). Encontro intercultural em escolas da fronteira Brasil-Bolívia: diagnóstico para melhor integração. *GeoPantanal*, 9(17), 89-105.
- Cusicanqui, S. R. (2010). *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires, AR: Tinta Limón.
- Fernández, H. S. (2008). *El habla popular de Santa Cruz* (10th ed). Santa Cruz de la Sierra, BO: Editorial Hoguera.
- Maciel, R. F., & Rocha, C. H. (2020). Dialogues on translingual research and practice: weaving threads with Suresh Canagarajah's views. *Revista X*, 15(1), 7-31. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v15i1.71807>
- Mignolo, W. D. (2001). Descolonización epistémica y ética- la contribución de Xavier Albó y Silvia Rivera Cusicanqui a la reestructuración de las ciencias sociales desde los Andes. *Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales*, 7(3), 175-195.
- Minakawa, J. S. S., Vieira, H. V. T., Mendes, J. M. S., & Oliveira, M. A. M. (2015). Imigrantes nas universidades Brasil (Corumbá)/Bolívia (Puerto Quijarro): interação entre alunos brasileiros e bolivianos. In *V Seminário de Estudos Fronteiriços* (p. 1-13). Campo Grande: UFMS.
- Moraes, L. M. (2012). *Bilinguismo e jogo de identidades na região de fronteira: a escola Eutrópia Gomes Pedroso de Corumbá* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá.
- Oliveira, M. A. M., Correia, J. M., & Souza, J. C. (2017). Imigrantes pendulares em região de fronteira: semelhanças conceituais e desafios metodológicos. *Direitos Culturais*, 12(27), 91-108. DOI: <http://dx.doi.org/10.20912/rdc.v12i27.2197>
- Ortiz, V. H. L. (2008). O barroco na missão jesuítica de Moxos. *Varia História*, 24(39), 227-254. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-87752008000100011>
- Puerto Quijarro. (2001). *Plan de Desarrollo Municipal (PDM)*. Santa Cruz, BO: Gobierno Municipal Puerto Quijarro.
- Puerto Quijarro. (2007). *Plan de Desarrollo Municipal (PDM)*. Santa Cruz, BO: Gobierno Municipal Puerto Quijarro.
- Puerto Quijarro. (2016). *Plan Territorial de Desarrollo Integral (PTDI)*. Santa Cruz, BO: Gobierno Municipal Puerto Quijarro.
- Ramírez-Luengo, J. L. (2012). El léxico del oriente boliviano en el siglo XVIII: una aproximación. *Lexis*, 36(1), 107-128. DOI: <https://doi.org/10.18800/lexis.201201.004>
- Ribeiro, M. L. O. (2011). *O idioma e a escola de fronteira como fatores de inclusão social de crianças e adolescentes em Corumbá-MS (BR)* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá.
- Rivas, V. E. (2011). *Yo no soy boliviano soy carioco - Entre línguas e preconceitos na fronteira Brasil-Bolívia* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá.
- Souza, S. K. B. (2019). *Representações linguísticas e culturais nos cartazes públicos na área urbana em Puerto Quijarro (BO)*. 44 f. 2019. Trabalho de conclusão de Curso de Letras. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá.
- Zwarg, J. D., Arf, L. M. G., & Barreda, S. V. M. (2018). Formación de profesores de español en Corumbá (MS): perspectivas fronterizas y desafíos. In C. Miranda (Org.), *La lengua española en Brasil: enseñanza, formación de profesores y resistencia* (p. 85-97). Brasília, DF: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte.